



Relatório de Infraestrutura é uma publicação da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), produzida pela Superintendência de Desenvolvimento Industrial (SDI).

Presidente: Antonio Ricardo Alvarez Alban

Diretor Executivo: Vladson Bahia Menezes

Superintendente: Marcus Emerson Verhine

Equipe Técnica: Ricardo Menezes Kawabe

Carlos Danilo Peres Almeida

Ana Paula Silveira Almeida

Layout e Diagramação: GCI – Gerência de Comunicação Institucional

Data de Fechamento: 17 de outubro de 2017

Críticas e sugestões serão bem recebidas.

Endereço Internet: <http://www.fieb.org.br>

E-mail: sdi@fieb.org.br

Reprodução permitida, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

	Pág.
DESTAQUES DO MÊS	3
1. ENERGIA ELÉTRICA	6
2. PETRÓLEO E GÁS	9
3. LOGÍSTICA	15

DESTAQUES

Desembolso do BNDES para infraestrutura cai 2% até agosto

O desempenho do crédito do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para infraestrutura parou de piorar, enquanto os valores liberados para empréstimos destinados para projetos da indústria seguem em queda livre.

De janeiro a agosto, o BNDES liberou R\$ 15,835 bilhões para os projetos de infraestrutura, queda nominal (sem descontar a inflação) de 2% ante igual período de 2016. Em nota, o banco de fomento disse que o setor de infraestrutura se destacou na aprovação de novos financiamentos, que somaram R\$ 17,658 bilhões, alta de 27% ante igual período de 2016.

“Só no segmento de Energia Elétrica, as aprovações saltaram 154%. Foram R\$ 10,6 bilhões aprovados para projetos de geração, transmissão e distribuição, que representaram quase um quarto dos financiamentos aprovados pelo BNDES este ano”, diz a nota do BNDES.

Fonte: Exame (19/09/2017)

67% da malha rodoviária têm boas condições de uso, diz pesquisa

O governo federal criou uma forma de monitorar a situação de conservação das rodovias sob sua administração. Segundo o Indicador de Qualidade das Rodovias Federais (ICM), 67% da malha estão em boas condições. Do restante, 20% está em situação regular, 7% em situação ruim e 5% em estado péssimo. O resultado é relativo ao quadro geral das rodovias no primeiro semestre de 2017.

O levantamento foi elaborado por uma equipe de 80 engenheiros, divididos em 35 equipes. Foram analisados os 52 mil quilômetros que compõem a malha viária federal. Não estão incluídas as estradas estaduais e as rodovias federais concedidas a outros entes públicos ou privados para exploração. Os pesquisadores verificaram as condições do pavimento, identificando falhas como buracos, trincamentos, remendos, sinalização e roçada (altura da vegetação). As vias consideradas “boas” precisam apenas de manutenção rotineira. As “regulares” demandam conservação leve, enquanto as “ruins” e “péssimas” necessitam de ajustes pesados.

A manutenção de rodovias federais, quando não estão sob concessão, é feita por meio de empresas contratadas pelo governo federal. De acordo com o DNIT, atualmente são 281 contratos de conservação (reparos mais pontuais, como tapar buracos), 113 de restauração e manutenção (restauração inicial maior com manutenção posterior) e nove de restauração (manutenção mais pesada). Dos 52 mil quilômetros de rodovias federais analisados, 4,8 mil não estão cobertos por contratos de manutenção. Nesse total estão vias e trechos em boas e péssimas condições. O DNIT não soube informar quantos trechos considerados ruins ou péssimos estão sem serviço de manutenção contratada.

Os estados com rodovias federais em melhores condições são Amapá (98% em bom estado), Bahia (82%), Roraima (82%), Distrito Federal (85%) e Piauí (83%). Em pior situação estão Acre (32%), São Paulo (43%), Mato Grosso do Sul (53%), Sergipe (56%) e Ceará (56%). Essa diferença entre estados não significa desempenho dos governos estaduais, uma vez que a responsabilidade pela conservação é do governo federal. “O Amapá está na frente, mas grande parte da malha deles não é pavimentada. São Paulo tem pouco mais de 100 km e, se tiver um trecho, o ICM vai lá para baixo. Estados maiores, como Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, apesar de estarem na frente, a extensão de trechos com problema é maior do que a de São Paulo”, concluiu o Rodrigo Portal, coordenador de Programação e Serviços do órgão.

Fonte: Exame (14/10/2017)

Brasil deve ter primeiro superávit de energia desde 1940

A produção energética brasileira deve chegar ao fim do ano com superávit. Esta é a expectativa do Ministério de Minas e Energia (MME) para 2017. O País não tem saldo positivo de energia desde 1940, ano inicial de estatísticas globais na área.

A baixa demanda global, associada às elevadas taxas de crescimento na produção de petróleo, que acumulou alta de 10,9% de janeiro a junho deste ano, na comparação com o mesmo período de 2016, explicam o resultado. Em junho, o aumento foi de 5%. A produção de gás natural também apresenta boas taxas: cresceu 8,9% no ano e 7,4% em junho. Já com relação ao biodiesel, a produção de junho cresceu 22,5%, com expansão de 3,1% no ano, o que também contribui para a possibilidade de superávit, além da contribuição para a manutenção de uma matriz energética com alta proporção de renováveis.

Para este ano, as previsões também apontam que a demanda total de energia deve crescer cerca de 1,5% e de energia elétrica, cerca de 2%. As fontes renováveis na matriz energética ficam acima de 42% e as renováveis na matriz de oferta elétrica acima de 80%. A energia eólica sobe mais de 1 ponto percentual na matriz elétrica.

Fonte: Governo do Brasil (12/10/2017)

Salvador terá novos voos para Miami e Buenos Aires

Salvador vai receber novos voos para Buenos Aires, na Argentina, e Miami, nos EUA, e passará a ter 25 voos internacionais por semana no ano que vem. Novos voos da Latam começam a operar entre janeiro e maio de 2018. O governador Rui Costa assinou nesta terça-feira (10) acordo com o diretor da Latam, Bruno Alessio, que garante os novos voos partindo da capital baiana.

Por parte do Estado, haverá uma redução do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) cobrado no querosene de aviação usado pela Latam nas frequências para a Bahia. Em contrapartida, a empresa, além de operar os novos voos, vai divulgar destinos turísticos do estado em sua revista de bordo e aumentará a frequência doméstica de seus voos para Salvador, Ilhéus e Porto Seguro. A estimativa é de que a Latam passe a operar 98 frequências semanais para Salvador, 26 para Porto Seguro e oito para Ilhéus.

“A Bahia tem uma das operações mais relevantes do país, a gente fala em mais de 500 voos por mês, é um número expressivo. A posição geográfica ajuda muito o turismo, pois é um dos maiores polos do Nordeste”, diz Alessio.

Fonte: Correio (10/10/2017)

Salvador perde para Fortaleza hub de voos diretos para Paris

A Air France confirmou a derrota do aeroporto de Salvador na disputa com Fortaleza para operar voos diretos para Paris e Amsterdam. Os voos começarão em maio de 2018 e serão operados por sua nova companhia aérea, a Joon.

A aposta é que os voos saim a partir de 249 euros, ou R\$ 930. Além de Fortaleza, a Joon ligará Paris a Barcelona, Lisboa, Porto e Berlin por voos a partir de 39 euros a partir de 1º de dezembro. A companhia, destinada ao público entre 18 e 35 anos, terá voos ainda para Mahé, nas Ilhas Seychelles. Serão três voos diretos semanais partindo de Fortaleza para Amsterdã, da KLM, e outros dois voos diretos também semanais para Paris, da Air France. Os voos do hub que deve ligar Norte e Nordeste serão operados em parceria com a Gol.

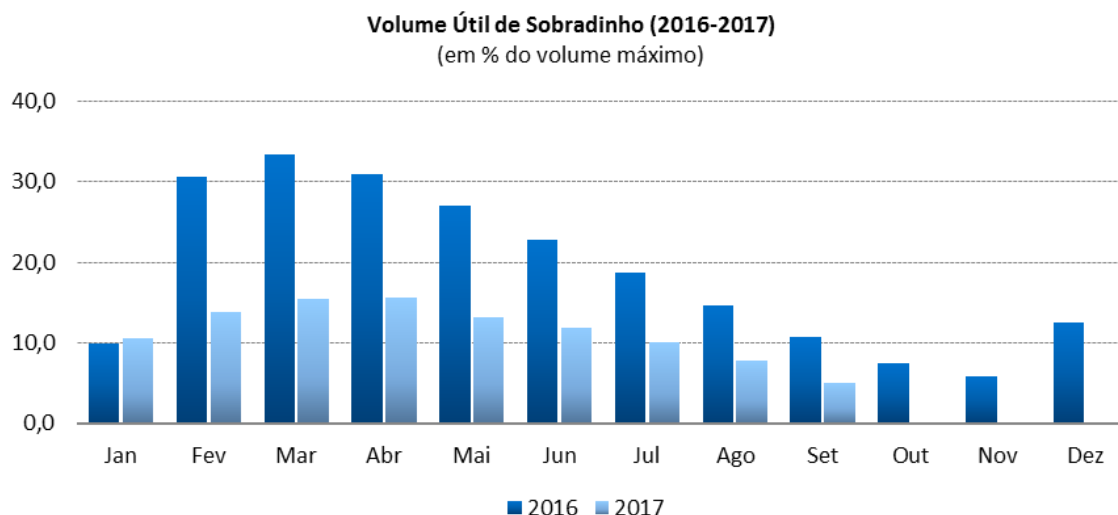
Fortaleza, que disputava com Salvador e Recife, se torna a terceira capital a ter voos diretos para Paris, além de São Paulo e Rio de Janeiro. A derrota do aeroporto de Salvador como hub já havia sido prevista pela coluna Satélite. Segundo a coluna, a vitória de Fortaleza começou a se desenhar no início do mês, quando o governo do Ceará garantiu R\$ 10 milhões para a Air France promover, nos próximos cinco anos, os voos internacionais que serão operados a partir do hub.

Fonte: Correio (25/09/2017)



1. ENERGIA ELÉTRICA

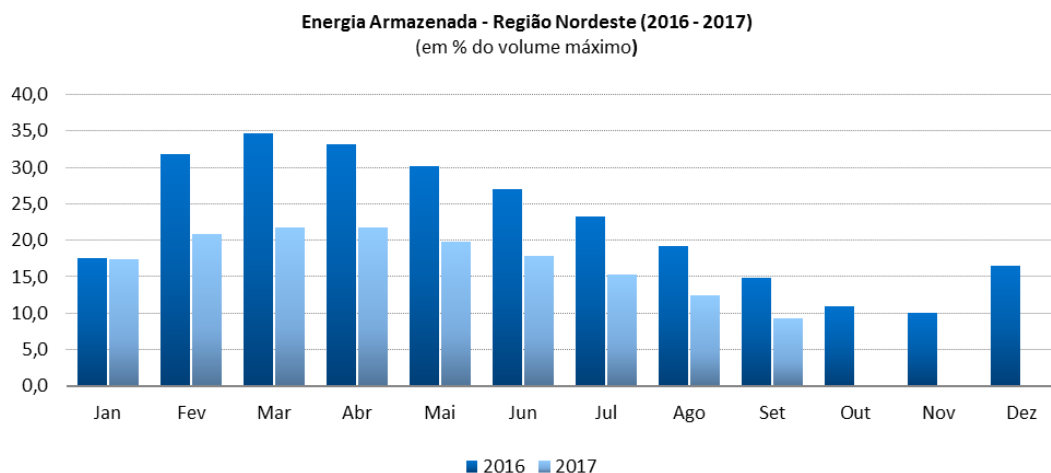
1.1 Nível dos Reservatórios do Nordeste: Sobradinho



Fonte: ONS; elaboração FIEB/SDI.

O reservatório de Sobradinho alcançou o volume de 5,1% de sua capacidade em setembro de 2017. Tal valor é bem inferior ao registrado em igual mês do ano anterior, quando alcançou 10,7% do volume máximo, e o menor nível dos anos de 2016 e 2017.

1.2 Energia Armazenada – Nordeste

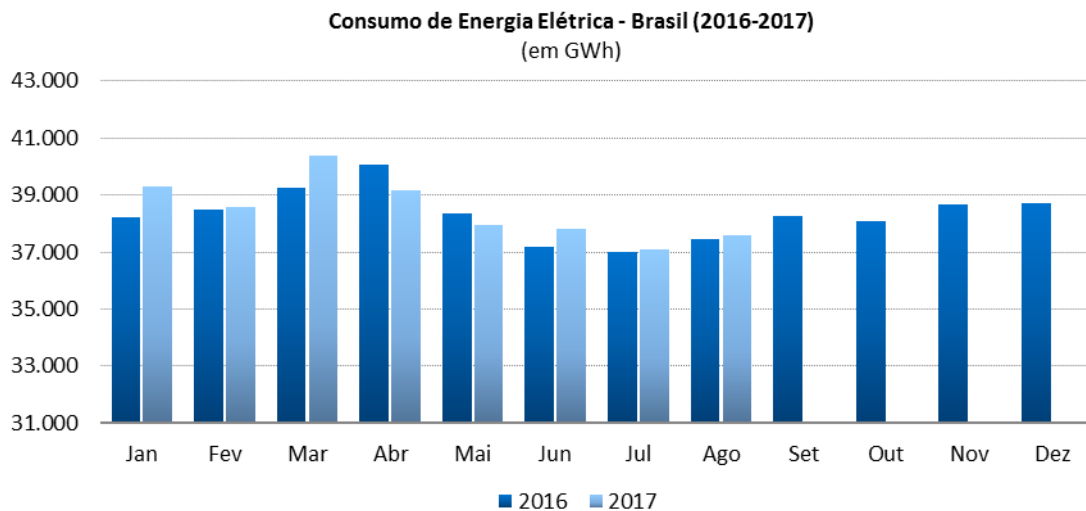


Fonte: ONS; elaboração FIEB/SDI.

Na comparação da curva de energia armazenada, que engloba todos os reservatórios da Região Nordeste, vê-se que o nível acumulado em setembro de 2017 alcançou 9,3 % do volume máximo, contra 14,8% em igual período do ano anterior. Também nesse caso o atual nível de energia armazenada situa-se em um nível de reserva preocupante.



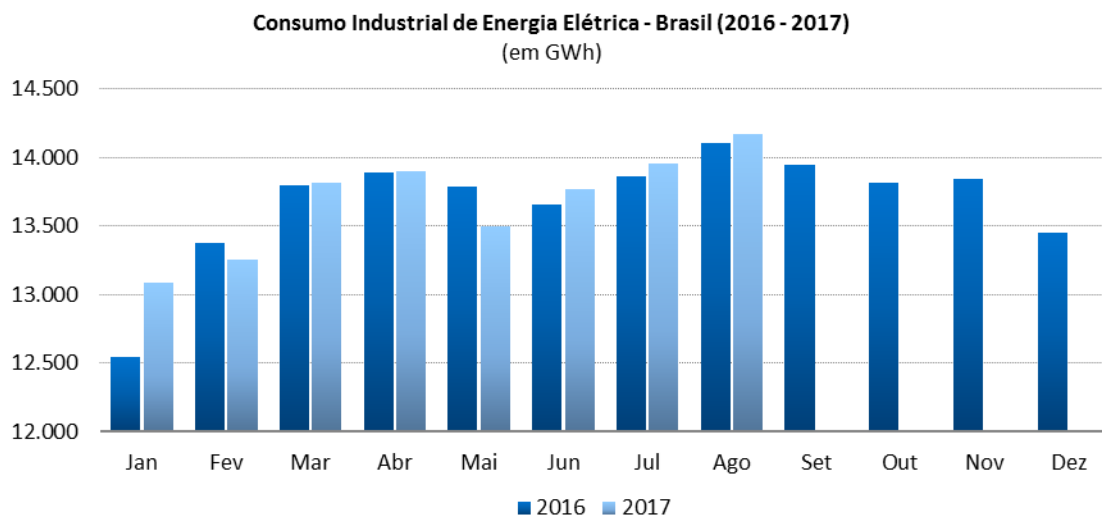
1.3 Consumo de Energia Elétrica – Brasil (2016 – 2017)



Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo nacional de energia elétrica apresentou leve aumento em comparação com igual mês do ano anterior. Em agosto de 2017, o consumo total de energia registrou crescimento de 0,3% em relação a igual período de 2016. No acumulado do ano, até agosto, o aumento alcança 14,6%.

1.4 Consumo Industrial de Energia Elétrica – Brasil (2016 – 2017)

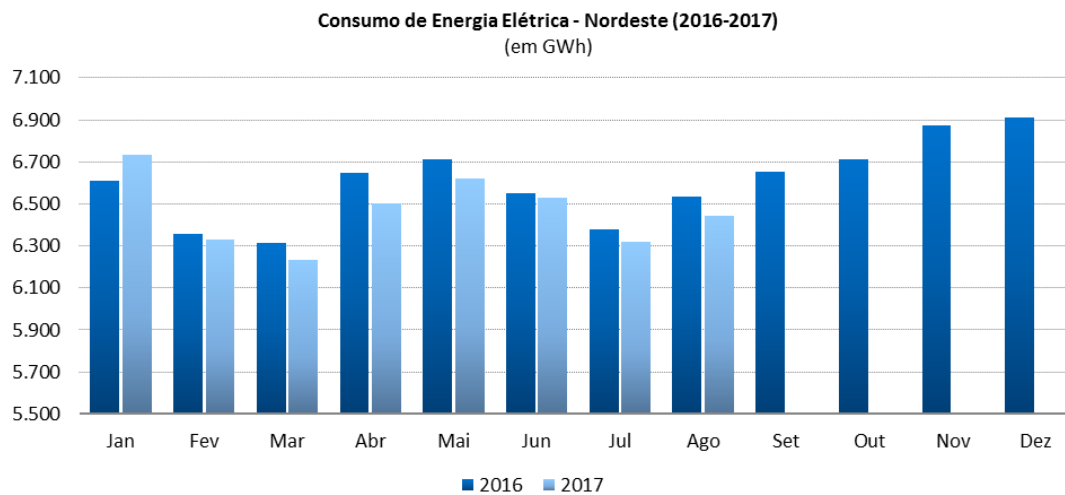


Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

Em agosto de 2017, o consumo industrial de energia elétrica manteve-se praticamente estável, com alta de apenas de 0,5% em relação a igual mês do ano anterior. No acumulado do ano, até agosto, o consumo da indústria registra alta de 0,4%.



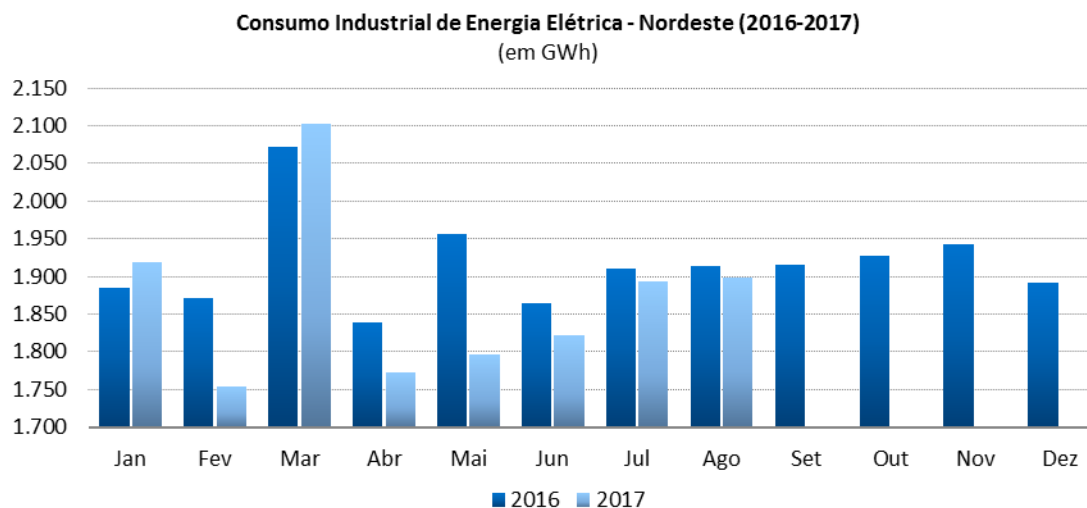
1.5 Consumo de Energia Elétrica – Nordeste (2016 – 2017)



Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo de energia elétrica na Região Nordeste apresentou queda de 1,3% em agosto de 2017, na comparação com igual mês de 2016. No acumulado de 2017, até agosto, o consumo de energia foi 0,8% menor em comparação com 2016. A queda do consumo total até agosto deste ano foi determinado pelas classes: industrial (-6,1%), comercial (-1,4%) e residencial (-0,2%).

1.6 Consumo Industrial de Energia Elétrica – Nordeste (2016 – 2017)

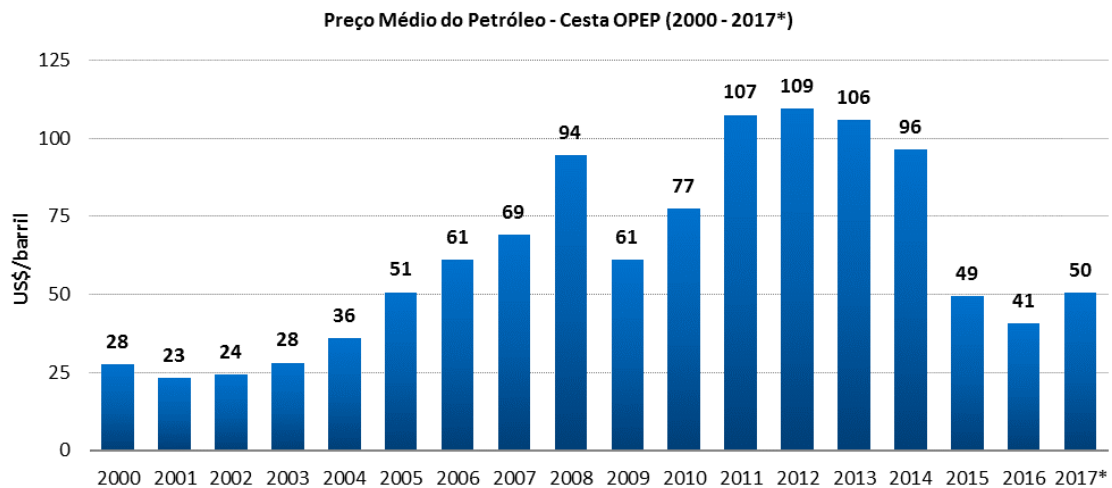


Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo industrial de energia elétrica na Região Nordeste apresentou queda de 0,7% em comparação com igual mês de 2016. No acumulado de 2017 até agosto, registrou-se queda de 2,3% em comparação à 2016.

2. PETRÓLEO E GÁS

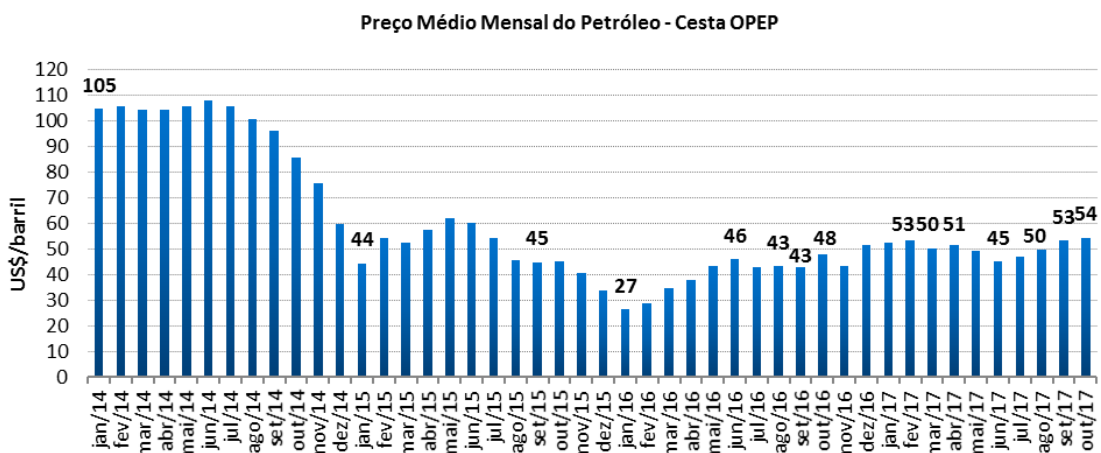
2.1 Preço médio dos petróleos – Cesta OPEP (2000-2017*)



Fonte: OPEP; elaboração FIEB/SDI. Média de 2017 calculada com dados até outubro/2017.

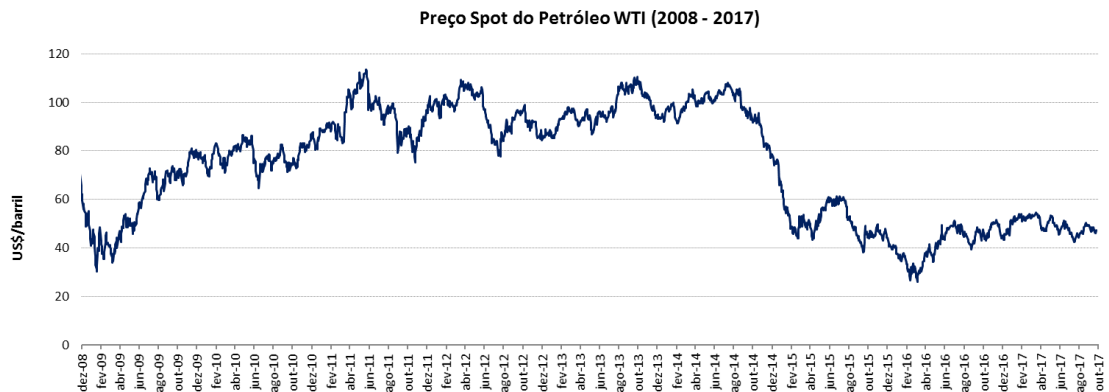
Os preços dos petróleos da cesta OPEP apresentaram forte aceleração entre 2004 e 2008, resultado da elevação na demanda dos países em desenvolvimento, notadamente China e Índia. Esse movimento foi interrompido após meados de 2008, quando a crise econômica global provocou recuo dos preços. A partir de 2010, no entanto, iniciou-se um processo de recuperação e estabilização num patamar superior a US\$100/barril, mas um novo ciclo de baixa expressiva teve início em 2014 e, com dados até outubro/2017, a média dos preços de 2017 alcançou US\$ 50/barril.

2.2 Preço médio mensal do petróleo – Cesta OPEP



Fonte: OPEP; elaboração FIEB/SDI. Média de fevereiro de 2017 calculada com dados até outubro/2017.

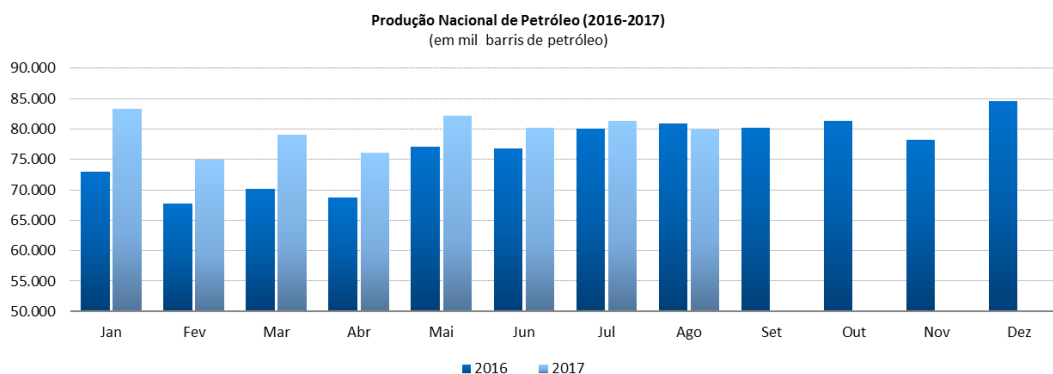
2.3 Preço médio do Petróleo WTI (2008-2017)



Fonte: EIA - *Energy Information Administration*. Elaboração FIEB/SDI. Calculada com dados até outubro/2017.

Analogamente, o preço do petróleo WTI (West Texas Intermediate) no mercado spot apresentou trajetória de contínuo crescimento no período 2003-2008, decorrente da forte demanda dos países em desenvolvimento. No entanto, tal como no caso dos petróleos da cesta OPEP, os preços do WTI despencaram de US\$ 147,27 em julho de 2008 para cerca de US\$ 33/barril em dezembro do mesmo ano. De meados de 2013 até agosto de 2014, os preços oscilaram em torno de US\$ 100/barril. A partir de então, os preços iniciaram uma forte trajetória de declínio. No início de 2016, o preço do barril caiu para os menores patamares desde meados de dezembro de 2008, de cerca de US\$ 30/barril, mas, posteriormente, iniciou-se um processo de recuperação, atingindo o patamar de US\$ 50,9/barril em outubro deste ano.

2.4 Produção Nacional de Petróleo (2016-2017)

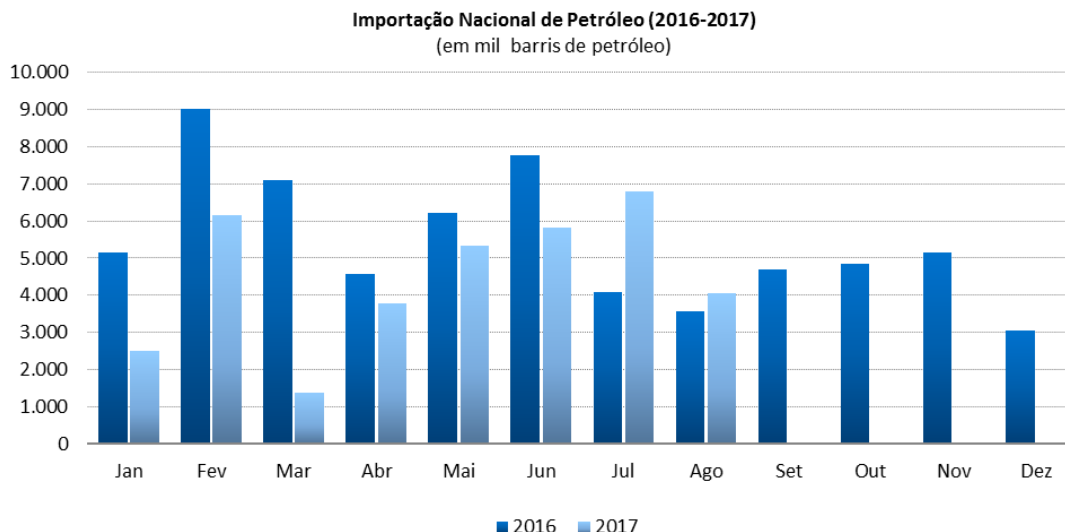


Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em agosto de 2017, a produção nacional de petróleo apresentou queda de 1,3% em comparação com igual mês do ano anterior. Registrou-se um volume de 79,8 milhões de barris, equivalentes a 2,6 milhões de barris/dia. No acumulado de 2017 até agosto, produção brasileira de petróleo alcançou 637 milhões de barris (média diária de 2,62 milhões). Em agosto de 2017, a produção de petróleo da Bahia representou apenas 1,3% da produção nacional, contribuindo com 32,3 mil barris/dia.



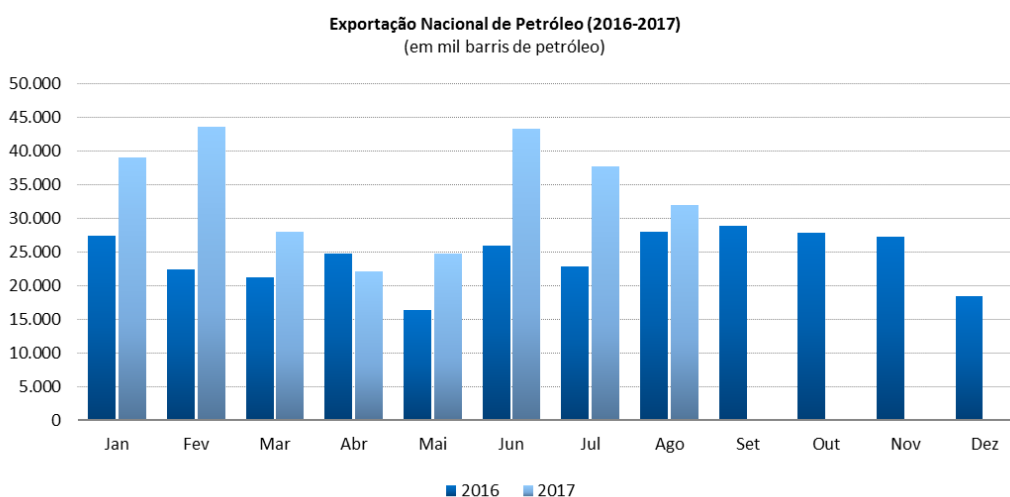
2.5 Importação Nacional de Petróleo (2016 – 2017)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em agosto de 2017, a importação de petróleo apresentou crescimento de 13,9% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado de 2017 até agosto, o total importado alcançou o volume de 35,8 milhões de barris, com queda de 24,5% em relação ao mesmo período de 2016. A tendência é de continuada queda nas importações por conta do aumento verificado na produção dos campos do pré-sal.

2.6 Exportação Nacional de Petróleo (2016 – 2017)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

O Brasil exportou 32,1 milhões de barris em agosto de 2017, registrando aumento de 14,4% em comparação com igual mês do ano anterior. O volume exportado foi 43,1% superior a 2016, até agosto de 2017. A tendência é de contínuo aumento das exportações, por conta do incremento na produção nacional, sobretudo no pré-sal. Em geral, o petróleo exportado é do tipo pesado (extraído de campos marítimos), menos aproveitado nas refinarias nacionais, que foram projetadas para processar óleo leve (de grau API maior que 31,1).

2.7 Dependência Externa de Petróleo – Brasil (2016 – 2017)

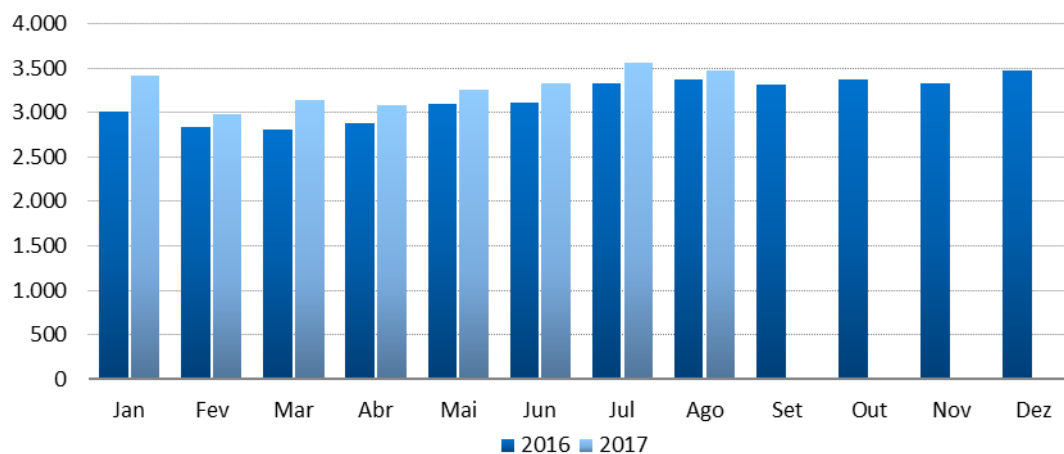
	ago/16	Jan-Ago/16	ago/17	Jan-Ago/17
Produção de Petróleo (a)	84,1	616,4	82,9	663,7
Imp. Líq. de Petróleo (b)	-26,0	-151,9	-29,7	-249,2
Imp. Líq. de Derivados (c)	12,0	58,8	11,7	58,8
Consumo Aparente (d) = (a+b+c)	70,2	523,3	65,0	473,3
Dependência Externa (e) = (d-a)	-14,0	-93,1	-18,0	-190,4
Dependência Externa (%) (e)/(d)	-19,9	-17,8	-27,6	-40,2

Fonte: ANP, elaboração FIEB/SDI

Em agosto de 2017, o Brasil registrou importação líquida de petróleo (importações menos exportações) negativa de 29,7 milhões de barris de petróleo (ou seja, exportou mais do que importou). No mês, a dependência externa foi de -18 milhões de barris. Até agosto de 2017, registrou-se dependência externa negativa de petróleo e derivados (-40,2%), contra uma dependência de -17,8% em 2016.

2.8 Produção Nacional de Gás Natural (2016-2017)

Produção Nacional de Gás Natural (2016-2017)
(em milhões m³)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em agosto de 2017, a produção nacional de gás natural apresentou crescimento de 2,8% em comparação com igual mês do ano anterior. Registrou-se um volume de produção de 3.467 milhões m³ no mês de referência. Até agosto de 2017, a produção brasileira de gás alcançou 26.227 milhões m³, em crescimento na comparação com igual período do ano anterior (7,4%).

Balanco do Gás Natural no Brasil (mil m³/dia)

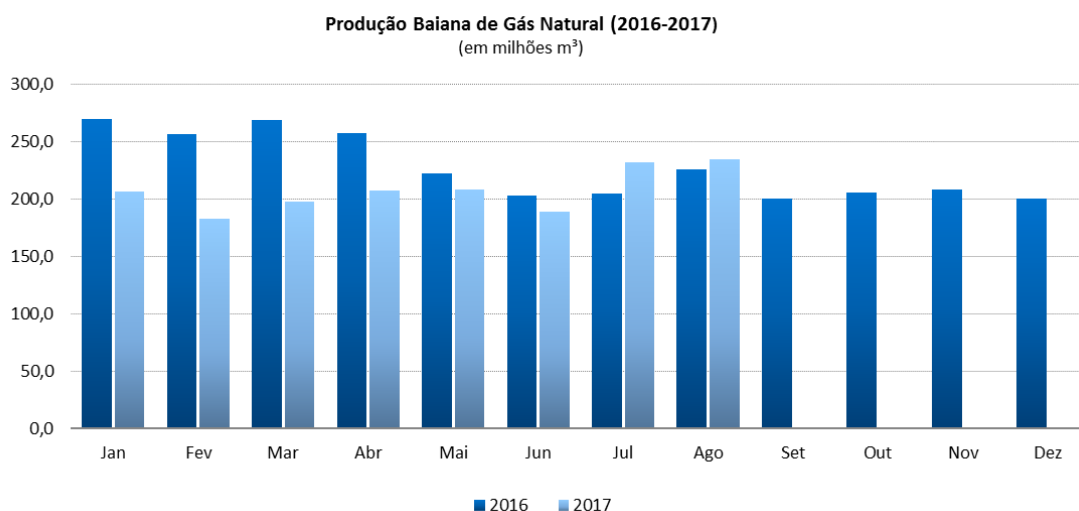
	Média em Ago/2016	Média do período jan-ago/2016	Média em Ago/2017	Média do período jan-ago/2017
Produção Nacional¹	108.766	100.064	111.840	107.933
- Reinyeção	31.523	30.289	27.870	27.481
- Queimas e Perdas	4.405	4.145	3.573	3.884
- Consumo Próprio	13.184	12.664	13.573	13.418
= Produção Nac. Líquida	59.654	52.966	66.824	63.149
+ Importação	28.587	39.293	35.688	26.493
= Oferta	88.241	92.260	102.512	89.642

¹ Não inclui Gás Natural Liquefeito

Fonte: ANP, elaboração FIEB/SDI

Tendo em conta o balanço do gás natural no país, verifica-se que a oferta no Brasil alcançou a média de 102 milhões m³/dia em agosto de 2017, contabilizando crescimento de 16,2% em relação ao registrado em igual mês do ano anterior. No acumulado ao ano até agosto de 2017 a média nacional foi 7,9% maior do que a registrada em 2016.

2.9 Produção Baiana de Gás Natural (2016-2017)

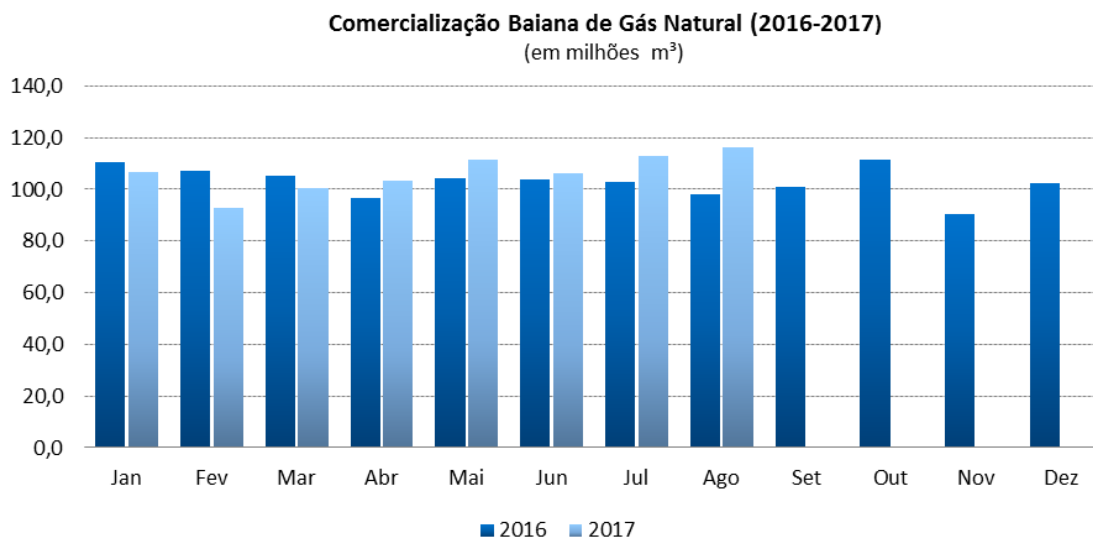


Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

O volume de gás produzido na Bahia em agosto de 2017 alcançou 234,6 milhões m³ (ou 7,57 milhões m³/dia), registrando alta de 7,57% em comparação com igual mês do ano anterior. A produção baiana respondeu por 6,8% da produção brasileira de gás natural no mês analisado. No acumulado ao ano até agosto de 2017, a produção de gás na Bahia caiu 13,1% em relação ao mesmo período de 2016.



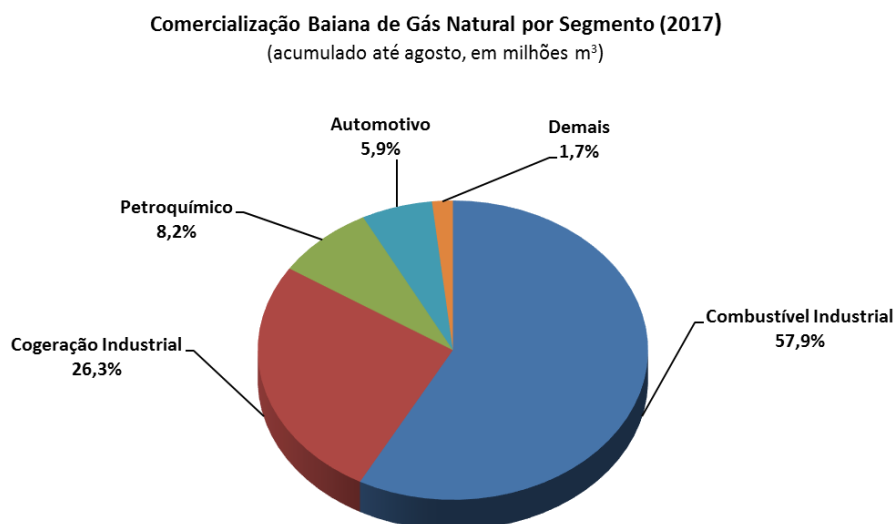
2.10 Comercialização de Gás Natural na Bahia (2016-2017)



Fonte: Bahiagás; elaboração FIEB/SDI.

O volume de gás vendido na Bahia em agosto de 2017 alcançou 116,2 milhões m³ (ou 3,16 milhões m³/dia), registrando crescimento de 18,6% em comparação com igual período do ano anterior. No acumulado ao ano até agosto de 2017, o volume comercializado alcançou 850 milhões m³ (+2,52%).

2.11 Comercialização Baiana de Gás Natural por Segmento (2017)

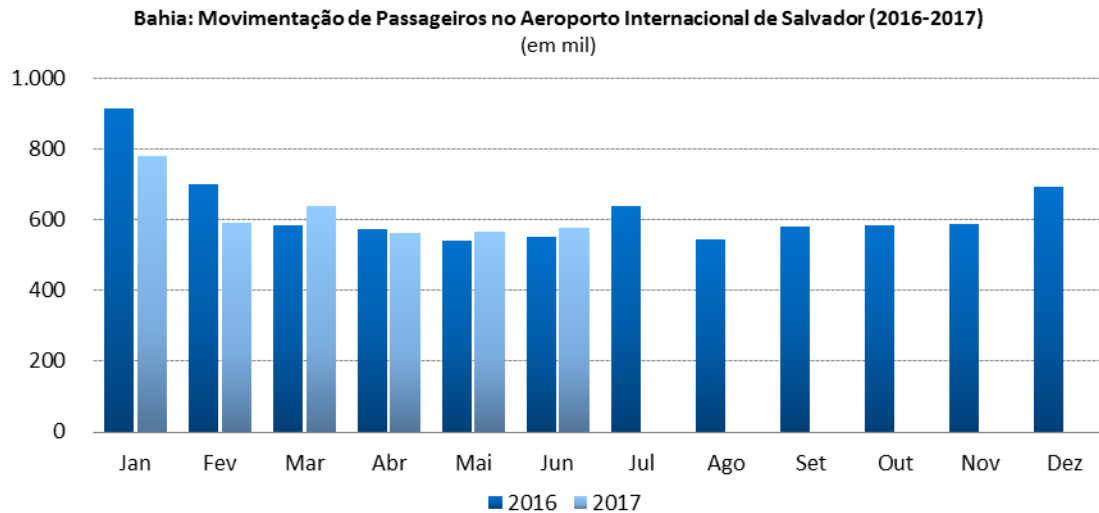


Fonte: Bahiagás; elaboração FIEB/SDI.

Em agosto, o gás destinado a Combustível Industrial foi de 492 milhões m³, representando 57,9% do total. Em seguida aparecem Cogeração Industrial (31,03 milhões m³, 26,3%) e petroquímico (9,8 milhões m³, 8,2%). Esses três segmentos consumiram 92,4% do gás comercializado pela Bahiagás em agosto de 2017.

3. LOGÍSTICA

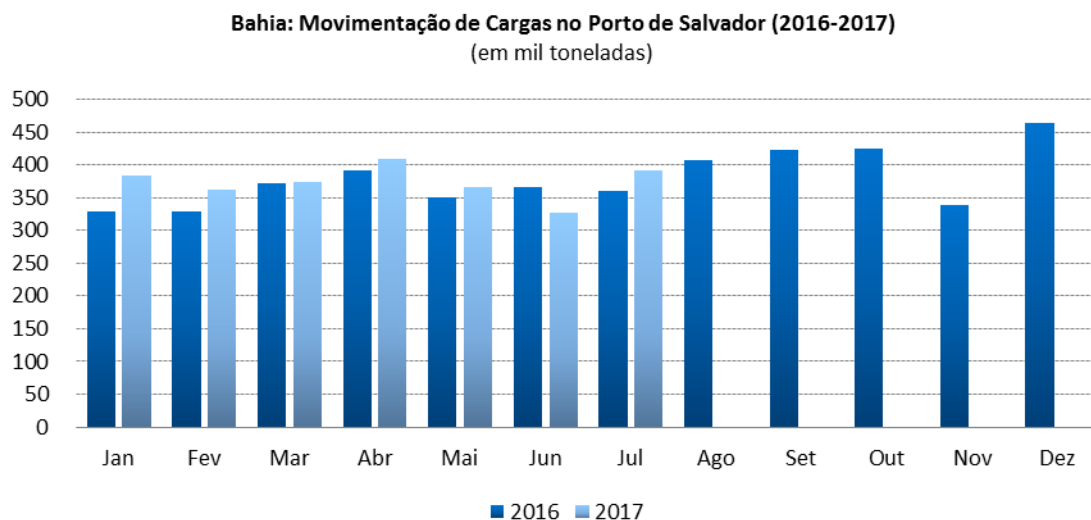
3.1 Movimentação de Passageiros no Aeroporto Internacional de Salvador (2016-2017)



Fonte: Infraero; elaboração FIEB/SDI.

Em junho de 2017, a movimentação de passageiros no Aeroporto Internacional de Salvador cresceu 4,9% em comparação com o registrado em igual mês de 2016. No acumulado do ano até junho de 2017, a movimentação de passageiros no Aeroporto de Salvador foi de 3,7 milhões de passageiros, queda de 3,7% em relação a igual período de 2016.

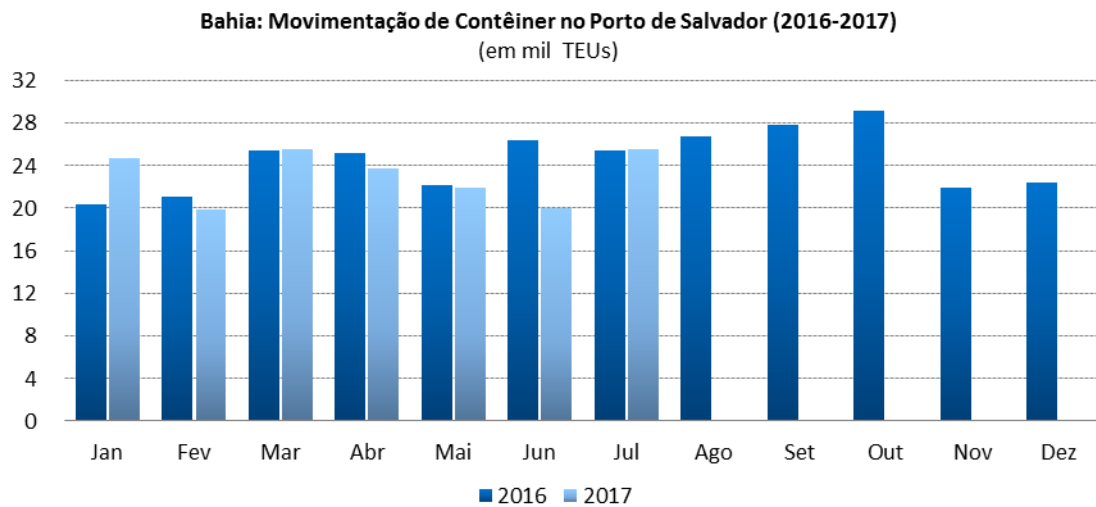
3.2 Movimentação de Cargas no Porto de Salvador (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em julho de 2017, a movimentação de cargas no porto de Salvador apresentou crescimento de 8,6% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado ao ano até julho de 2017, verificou-se crescimento de 4,6% em comparação com 2016, alcançando o montante de 2.613 mil toneladas.

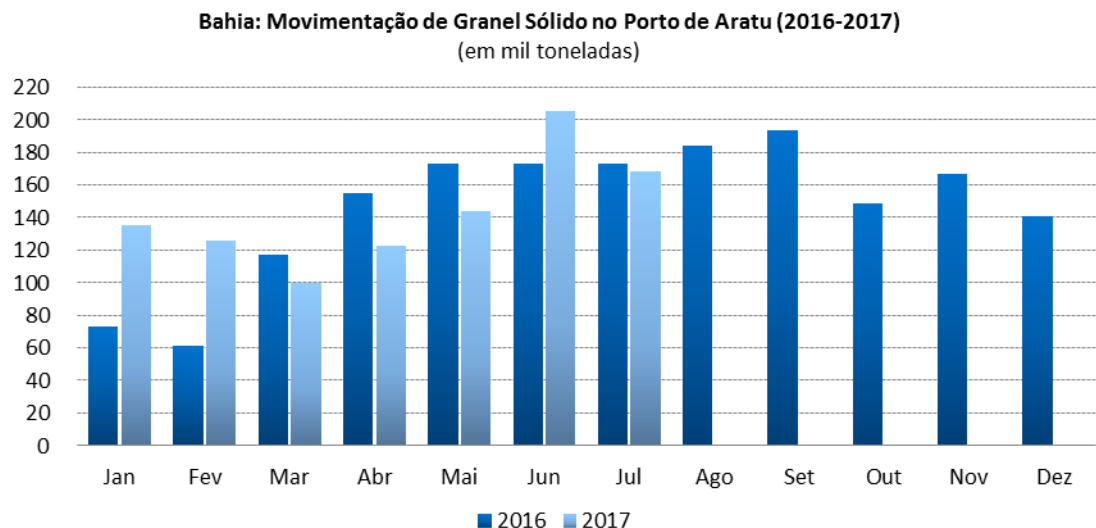
3.3 Movimentação de Contêineres no Porto de Salvador (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

A movimentação de contêineres no porto de Salvador, em julho de 2017, se manteve praticamente no mesmo patamar do registrado em igual mês do ano anterior. No acumulado ao ano até julho de 2017, registrou-se um montante de 161,6 mil TEUs, contra 166,2 mil TEUs movimentados em 2016, queda de 2,6% no período.

3.4 Movimentação de Carga Sólida no Porto de Aratu-BA (2016-2017)

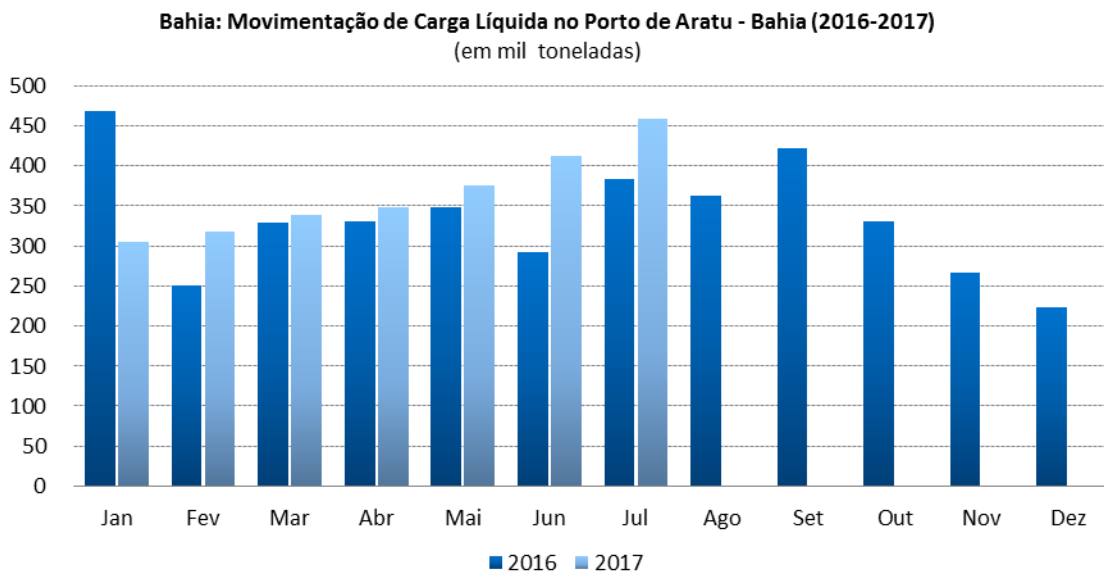


Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em julho, a movimentação de granel sólido no Porto de Aratu registrou queda de 2,8%, em comparação com o mesmo mês de 2016. No acumulado do ano até julho de 2017, a movimentação de granel sólido alcançou o volume de 1 milhão de toneladas, registrando incremento de 8,2% em comparação com o mesmo período de 2016.



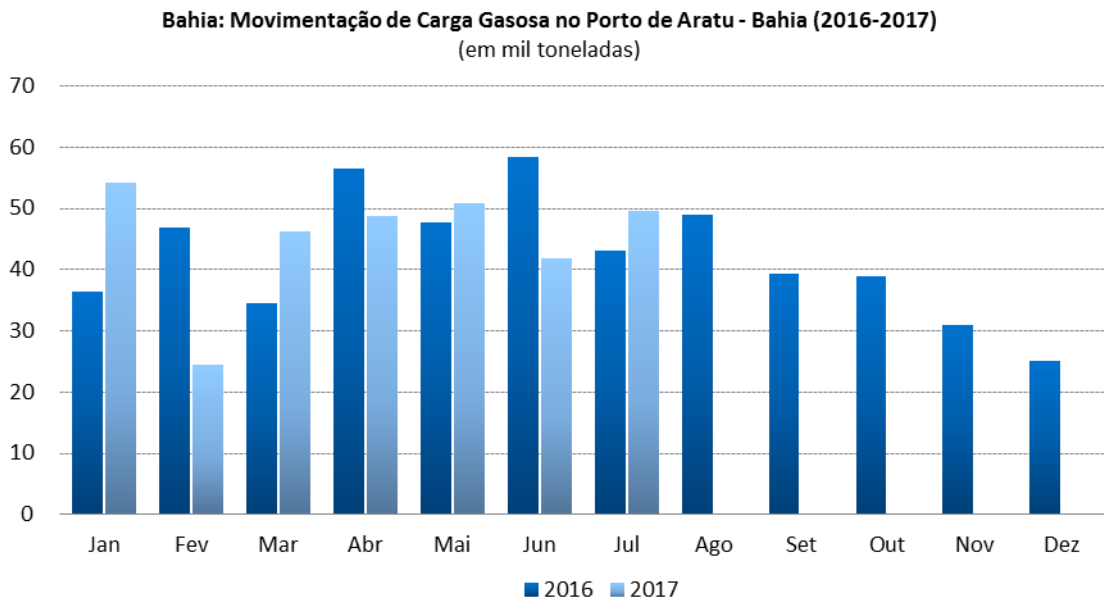
3.5 Movimentação de Carga Líquida no Porto de Aratu-BA (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

A movimentação de carga líquida no porto de Aratu, em julho de 2017, registrou alta de 19,6% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado ao ano até julho de 2017, alcançou o montante de 2,5 milhões de toneladas, registrando queda de 6,5% em relação a igual período de 2016.

3.6 Movimentação de Carga Gasosa no Porto de Aratu-BA (2016-2017)

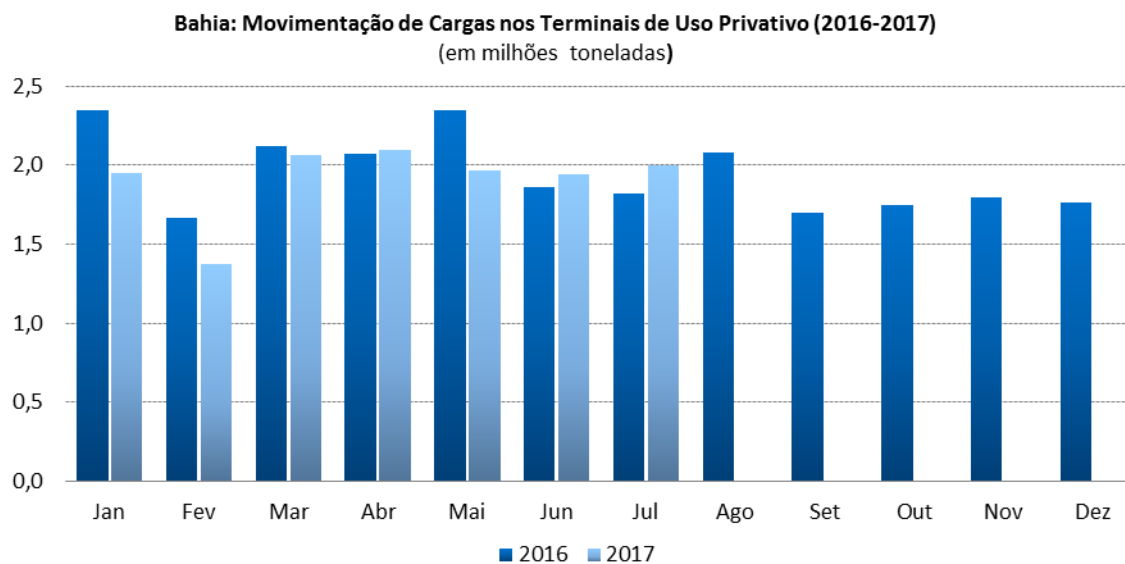


Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em julho de 2017, a movimentação de carga gasosa no porto de Aratu alcançou 49,5 mil toneladas contra 43 mil registradas em igual mês do ano anterior (+15%). No acumulado ao ano até julho de 2017, registrou-se o montante de 315,5 mil toneladas, contra 323,3 mil toneladas registradas em igual período de 2016 (-2,4%).



3.7 Movimentação de Carga nos Terminais de Uso Privativo da Bahia (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em referência à movimentação de carga nos terminais de uso privativo (TUPs), em julho de 2017, registrou-se crescimento de 9,7% em comparação com o mesmo mês do ano anterior. No acumulado do ano até julho de 2017, registrou-se movimentação de 13,4 milhões de toneladas, queda de 5,9% em comparação a igual período de 2016.



Federação das Indústrias do Estado da Bahia